

Texto Original

MEU

Sabes que és meu, não sabes?
 Sabes que mesmo que não queiras, e que eu não te queira
 Assim como a onda é do vento,
 Assim como o rio é do mar,
 O tempo não tem lugar,
 E eu vou ser tua para sempre.

 Sabes que és meu, não sabes?
 Sabes que mesmo que não queiras, e que eu não te queira
 Assim como o fogo é do desejo,
 Assim como o beijo é do pulsar,
 O tempo não tem lugar,
 E eu vou ser tua para sempre.

TIRO-LIRO-LIRO

Lá em cima está o tiro-liro-liro
 Cá em baixo está o tiro-liro-ló!
 Lá em cima está o tiro-liro-liro
 Cá em baixo está o tiro-liro-ló!

 Juntaram-se os dois à esquina
 A tocar a concertina, a dançar o solidó!
 Juntaram-se os dois à esquina
 A tocar a concertina, a dançar o solidó!

 Comadre, minha comadre
 Ai eu gosto da sua pequena!
 Comadre, minha comadre
 Ai eu gosto da sua pequena!

 É bonita, apresenta-se bem
 Parece que tem a face morena!
 É bonita, apresenta-se bem
 Parece que tem a face morena!

 Lá em cima está o tiro-liro-liro
 Cá embaixo está o tiro-liro-ló!
 Lá em cima está o tiro-liro-liro
 Cá embaixo está o tiro-liro-ló!

 Juntaram-se os dois à esquina
 A tocar a concertina, a dançar o solidó!
 Juntaram-se os dois à esquina
 A tocar a concertina, a dançar o solidó!

 Comadre, ai minha comadre
 Ai eu gosto da sua afilhada!
 Comadre, ai minha comadre
 Ai eu gosto da sua afilhada!

 É bonita, apresenta-se bem
 Parece que tem a face rosada!
 É bonita, apresenta-se bem
 Parece que tem a face rosada!

 Lá em cima está o tiro-liro-liro
 Cá embaixo está o tiro-liro-ló!
 Lá em cima está o tiro-liro-liro
 Cá embaixo está o tiro-liro-ló!

 Juntaram-se os dois à esquina
 A tocar a concertina, a dançar o solidó!
 Juntaram-se os dois à esquina
 A tocar a concertina, a dançar o solidó!

PRETO E BRANCO

Somos,
 Como personagens de um filme, a preto e branco,
 Em que o sorriso nunca chega a rasgar, quando
 A gargalhada é sem som.
 O enredo um meio-bom.
 Uma historinha das que não nos faz vibrar...

 Somos
 Como o anseio de dois lábios que não chegam ao toque,
 Como o silêncio de um lago seco à morte,
 Um arco-íris sem cor,
 Um agridoce de amor,
 Meros actores sem uma vida para morar.

 Tudo, tudo
 É tão bonito assim
 Nessa dor
 De não o ter para mim.
 Tudo, tudo, tudo...
 Tudo, morre sem um fim.

 Somos
 Como um quadro lado-a-lado em banco de um jardim,
 Os dois não se tocam mas tudo é pintado assim,
 Distância Mona Lisa's smile,
 A lá sobre "o amor" em braile,
 Uma pintura sem a cor de o ter para mim.

 Tudo, tudo
 É tão bonito assim.
 Nessa dor
 De não o ter para mim.
 Tudo, tudo, tudo...
 Tudo, morre sem um fim.

NEGRITA

Negrita de cara de anjo,
 de dentes brancos,
 de braços de asas,
 de pele de santo,
 festa no cabelo encaracolado

 Que dança
 De uma beleza que nos espanta
 É borboleta de uma esperança
 No balançar do seu balancé
 E deixa no ar poeira da sua graça
 A levantar a alegria e raça
 Quando sorri para quem lhe passa

 Negrita
 Ai ai ai ai ai ai
 Negrita
 Ai Ai ai ai ai ai ai
 Negrita
 Ai ai ai ai ai ai

 Negrita de cara quente,
 cintura afilta,
 de pés marcados,
 de mão vivida,
 ombros soldados,
 de fé dorida

 Que dança
 Cabelo ao vento chicote em trança
 Olhar deserto de quem não cansa
 No balançar do seu balancé
 Entrança toda a poesia de mão na anca
 Roda na saia toda a esperança,
 De sua tristeza de rodapé

 Negrita
 Ai ai ai ai ai ai
 Negrita
 Ai ai ai ai ai ai
 Negrita
 Ai ai ai ai ai ai

AMOR DE DOMINGO

Eu quero um amor de domingo
 Que às vezes me deixe sozinho
 Que me saiba esperar
 Sem ter pressa de amar
 Que me saiba querer quando há lugar

 Eu quero um amor de domingo
 Que se sente tão devagarinho
 Que conversa à lareira
 O sossego e uma ideia
 Sabe a paz e a pão quente d'aldeia

 Eu quero um amor de domingo
 Que vai e que volta ao ninho
 Que vem e que vai
 E que vai e que vem
 Ao domingo que sabe tão bem

 Eu quero um amor de domingo
 À janela da chuva e do vinho
 De horas cheias de nada
 Melhor nada da vida
 Só, e mais nada, tu e eu e a almofada

 Eu quero um amor de domingo
 No silêncio que não está sozinho
 De cabelo mal lavado
 Maquilhagem de lado
 De aconchego infinito, deitado...

CHIÇA PENICO

Ora queres lá ver isto?
 o rapaz não me larga!
 Agora queres ver isto?
 Está a arrastar-me a asa!
 Não joga com o baralho
 Falta-lhe um parafuso,
 Ai deu-lhe na veneta,
 Olha que ele é casmurro!
 Olha que ele é casmurro!

 Ora queres lá ver isto?
 O rapaz de uma figa!
 Agora queres ver isto?
 Tem o rei na barriga!
 Ai que vou aos arames,
 Estou a trepar paredes,
 Passar-me dos carros,
 Está sempre na cantiga!
 Está sempre na cantiga!

 Ai chiça, penico
 Chapéu de coco
 Papel de carta
 Luvas de boxe
 Colarinhos engomados,
 barriga aos quadradinhos
 Está o caldo entornado
 Ai se não digo o que sinto!
 Ai se não digo o que sinto!
 Ai se não digo o que sinto!

 Ora queres lá ver isto?
 O rapaz é caturra!
 Agora queres ver isto ?
 É que é cabeça-duro!
 Mas é que é mesmo urso,
 Ainda ficou piurso,
 Já estava por um fio,
 Ficou a ver navios!
 Ficou a ver navios!

 Ora queres lá ver isto?
 Eu não digo uma asneira!
 Agora queres ver isto?
 Não perco a estribeira!
 Meu pai é educado,
 A minha mãe direita,
 O meu avó honrado
 A minha avó uma santa!
 A minha avó uma santa!

À PORTA DO BEIJO

Fechei os olhos,
 desenehei a tua boca... na minha
 Como é perfeita a linha,
 Há um murmúrio magia,
 Uma atmosfera divina
 Uma tristeza menina

 Não sai, não sai
 Não sai
 Não sei, não sei,
 Não sei

 O medo foi,
 e eu e tu deixámo-nos... ficar,
 Assim ao quente do olhar,
 Mãos entre mãos a chegar,
 Timidamente a alcançar,
 Assim, deixando, a ficar...

 Não sai, não sai
 Não sai
 Não sei, não sei,
 Não sei

 O universo inteiro está à porta desse beijo
 O universo inteiro está à porta desse beijo
 O universo inteiro está à porta desse beijo
 O universo inteiro está à porta desse beijo

ROSINHA

Ó minha Rosinha eu hei-de te amar
 De dia ou de noite, de noite ao luar.
 De noite ao luar, de noite ao luar,
 Ó minha Rosinha eu hei-de te amar.

 Ó minha Rosinha eu hei-de ir, hei-de ir
 Jurar a verdade que eu não sei mentir.
 Que eu não sei mentir, que eu não sei mentir,
 Ó minha Rosinha eu hei-de ir, hei-de ir.

 Ó minha Rosinha eu quero eu quero
 Entrar em teu peito, formar um castelo.
 Entrar em teu peito, formar um castelo,
 Ó minha Rosinha eu quero eu quero.

 Ó minha Rosinha eu hei-de te amar
 De dia ou de noite, de noite ao luar.
 De noite ao luar, de noite ao luar,
 Ó minha Rosinha eu hei-de te amar.

NÃO SEI DE ONDE

O cabelo como agora,
 Negro conta uma história,
 Que conheço,
 Mas não sei,
 de onde...

 E a mão que sei de cor,
 como um sopro de memória,
 que conheço,
 Mas não sei,
 ... de onde...

 O olhar que hoje mora,
 Como casa de outra hora,
 Que conheço,
 Mas não sei,
 de onde...

 Ahh
 Há uma força que me puxa para ti,
 e te puxa para mim,
 E eu não quero lá ficar,
 Mas não me deixa falar!

 Se te amo, se te quero,
 Há qualquer coisa de sincero,
 Não conheço,
 e não sei,
 de onde...

 Morde um medo do que é,
 Digo à mente que não é,
 Não conheço,
 e não sei,
 de onde...

 Há uma espécie de saudade,
 De um abraço sem idade,
 Que conheço,
 Mas não sei,
 De onde...

 Ahhh
 Há uma força que me puxa para ti,
 e te puxa para mim,
 E eu não quero lá ficar,
 Mas não me deixa falar!

 Já falámos antes, ahh
 Já soubemos antes ahh,
 Já vivemos antes, já vivemos lá..!
 Já cuidámos antes,
 Já morremos antes,
 Nós amámos até!!!
 e o amor está cá!

 Ahhh
 há uma força que me gasta para ti,
 e te gasta para mim
 e eu não quero lá ficar
 mas não me deixa falar!

 Mas não te deixa falar
 Mas não queremos ficar

VIRA

Meninas, vamos ao vira
 Ai, que o vira é coisa boa!
 Eu já vi dançar o vira
 Ai, às meninas de Lisboa!
 Ó vira, que vira, e torna a virar.
 As voltas do vira são boas de dar.

 Meninas, vamos ao vira
 Ai, que o vira é coisa linda!
 Eu já vi dançar o vira
 Ai, às meninas de Coimbra!
 Ó vira, que vira, ó vira, virou.
 As voltas do vira sou eu quem as dou.

 Meninas, vamos ao vira
 Ai, que o vira é coisa bela!
 Eu já vi dançar o vira
 Ai, às meninas de Palmela!
 Ó vira, que vira, se não viro eu.
 Teu pai é meu sogro, teu amor sou eu.

FINALMENTE

Eu quero a tua mão na minha, tua para sempre,
 E tanto, e toda e mais juntinha, assim tão ardentemente.

 Eu quero o corpo todo e sou desejo assim efervescente,
 O "finalmente", que gritou
 E que já não mais se mente.

 Se um dia eu morrer,
 hei-de morrer de amor,
 Se um dia eu morrer,
 Hei-de morrer de amor...

 Eu quero a solução calor,
 subir em câmara lenta,
 descer-me ao saciar da dor, que em ti finalmente ausenta.

 Eu quero água na boca em medo,
 Deitar-se todo no teu ombro,
 E eu toda tua, no segredo,
 Do que finalmente encontro.

 Se um dia eu morrer,
 hei-de morrer de amor,
 Se um dia eu morrer,
 Hei-de morrer de amor...